

Confira sete
apostas no Festival
de San Sebastián



PÁGINAS 4 E 5

Aldo Sena, mestre
da guitarrada,
lança novo álbum



PÁGINA 6

Espectáculo aborda
saga dos migrantes
nordestinos no Rio



PÁGINA 7

2º CADERNO

'Cidade de Deus', 20 anos depois

Longa premiado
de 2002 volta como
série para acertar
contas com o
passado

Por Pedro Strazza (Fohapress)

As oito horas da manhã, o clima gelado esvaizia as ruas na região da quadra da Nenê de Vila Matilde, na zona leste de São Paulo. Na sede da escola de samba, porém, nada está parado, a ver pela fila de caminhões estacionados por toda a extensão da rua Júlio Rinaldi. No salão, as aparências sugerem um dia de festa, de um baile de debutante. Mas o silêncio impera lá dentro. Os convidados aguardam pacientes nas cadeiras, alguns até dormem - a festança rola desde as seis.

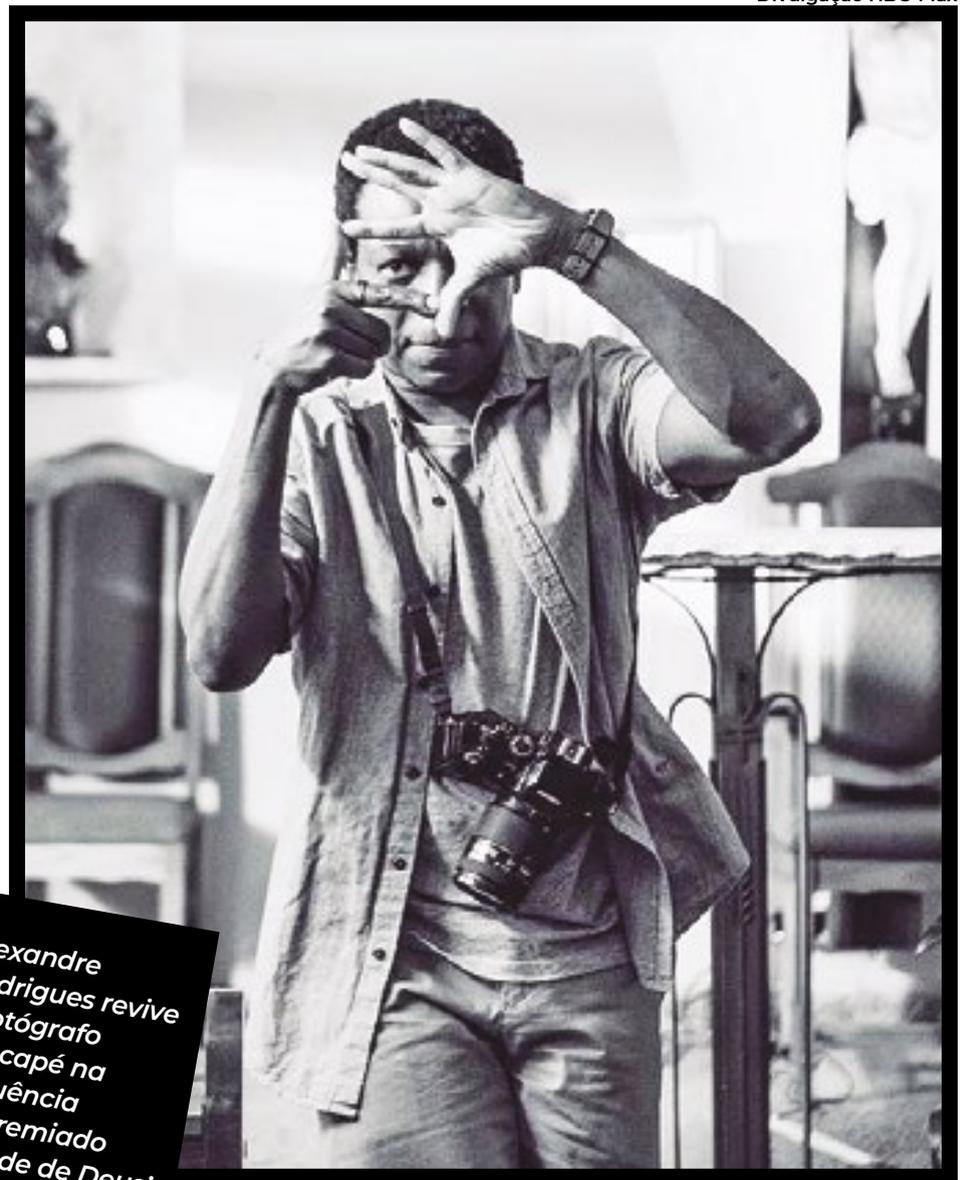
O baile faz parte das gravações da série "Cidade de Deus", que, por alguns dias, incorpora a escola tradicional da capital paulista à favela mais conhecida do cinema brasileiro.

Será nesse ambiente festivo da quadra que a série retomará a história do filme. O espaço é tomado por paredes decoradas com estampas azuis, com padrões que reproduzem as ondas do mar, enquanto conjuntos de fitas e balões dourados se alastram pelo local. Uma mesa de aniversário espalhafatosa na entrada e a reprodução da proa de um barco no palco completam o cenário.

A decoração reforça que a favela da série vive os anos 2000. Tanto a trama quanto o programa acontecem 20 anos depois do filme de 2002. Se o original se encerrava nos anos 1980, o seriado previsto para 2024 na HBO se passa no começo do século 21.

Todo esse tempo e a inclinação da Cidade de Deus para a tragédia segue intacta. A festa, inclusive, é descrita pelos membros da produção como palco de um novo desastre.

Alexandre Rodrigues revive o fotógrafo Buscapé na sequência do premiado 'Cidade de Deus', que agora vira série



Divulgação HBO Max

Depois da morte de Zé Pequeno pelas mãos dos garotos da Caixa Baixa, o controle do tráfico acaba nas mãos de Curió, um homem de gestão mais democrática, vivido por Marcos Palmeira.

Quando Braddock, líder do grupo, retorna à Cidade de Deus, o assassinato de uma liderança inicia uma nova guerra na região. Mas o que levou Aly Muritiba, cineasta cé-

lebre por filmes como "Deserto Particular" e "Para Minha Amada Morta", a assumir a direção da continuação não foi esse relato da história do crime organizado, embora a ascensão das milícias se faça presente.

"O lema do filme era 'se correr o bicho pega, se ficar o bicho come'. Não havia saída para quem está na favela", diz o diretor durante uma pausa nas gravações. "A série propõe algo diferente disso, porque fala muito de resistência dentro da comunidade."

Continua na página seguinte

Divulgação HBO Max



Depois de 'Cangaço Novo', Aly Muritiba foi escalado para dirigir a série 'Cidade de Deus'

Diretor assume influências da Nollywood

Esse redirecionamento foi o estalo que o diretor precisava para aceitar o convite feito por Andreia Barata, produtora do longa e uma das responsáveis pela série na O2 Filmes. Isso o ajudou também na parte técnica: Muritiba cita Nollywood, a indústria do cinema na Nigéria, como uma das referências visuais do programa, na esperança de repercutir uma estética afrocentrada.

Ele diz também que vem reproduzindo técnicas usadas por César Charlone, diretor de fotografia do filme original, no visual do longa. São manobras como o uso recorrente de zooms em uma câmera de 16 mm que, segundo o cineasta, vão estabelecer ao público que ele está assistindo de novo "Cidade de Deus".

Do lado da produção, a escolha de Muritiba para suceder Meirelles e Lund no comando soa natural. Além de "Deserto Particular", fez a incensada série "Cangaço Novo", também da grife O2.

Muritiba diz que só aceitou o cargo após pensar em uma forma real de ampliar o original. "No filme a gente vê muita gente das comunidades sofrendo, se dando mal e sendo assassinada, o que é coisa do gênero. A série até leva uma boa dose de violência, porque faz parte do meio social em que a história se passa, mas a gente vai mostrar favelado vencendo."

A contestação não passa batida na fala de Muritiba. O legado deixado por "Cidade de Deus" na cultura brasileira é imenso, mas também as críticas que apontam para a violência da história desde o seu lançamento.

Terremoto nos cinemas

O filme de 2002 foi um terremoto no cinema, aqui e lá fora. Ele até hoje figura no topo de listas dedicadas às melhores produções em língua não inglesa, anos depois da estreia no Festival de Cannes e das quatro indicações ao Oscar.

A influência internacional do longa deixou marcas na produção de cinema nacional, abrindo caminho para mais filmes sobre as populações marginalizadas do país. Mas o registro se tornou enviesado à brutalidade. Alexandre Rodrigues, eternizado nas telonas por fazer o protagonista Buscapé, é um dos nomes do elenco do longa que volta para a série determinado a equilibrar essa balança.

"Nós, que fizemos o filme, deixamos uma visão muito contrária à real da comunidade, mostrando só a violência e o lado dos bandidos, da truculência", diz o ator no set. Ele afirma ainda que a série, em contrapartida, vai

mostrar o crescimento e a força da população.

Buscapé agora se chama Wilson - ou pelo menos busca ser. Vinte anos depois de testemunhar a morte de Zé Pequeno, o fotógrafo volta a atuar como os olhos do público na Cidade de Deus e sente a passagem do tempo.

Segundo o artista, o personagem se afastou da Cidade de Deus e seguiu a vida, mesmo com a família ainda morando lá - incluindo a filha, que é uma estrela do funk em ascensão. "Ele carrega o dilema de ter deixado aquele lugar", diz o ator. "Ele tem uma filha adolescente que não entende o porquê do pai ter saído da comunidade, que é firmada naquele espaço e que quer que ele volte."

Ao contrário de Buscapé, Rodrigues vê o retorno como incontornável. "Mesmo que eu estivesse fazendo outra coisa, eu pararia tudo para voltar a fazer esse personagem de novo."

Esse sentimento é dividido com outros membros do elenco que retomam seus papéis do filme na série. Crescidos, todos agora atuam a seu jeito como lideranças na comunidade da Cidade de Deus, o que permite à série registrar as idas e vindas das pessoas que moram por lá.

Segundo Roberta Rodrigues, intérprete de Berenice, essa premissa permite à produção

alcançar as discussões dos anos 2020. Uma lógica que se repete no seu papel: antes a amada de Cabeleira, irmão de Buscapé, ela agora é uma das personagens que procura liderar a favela.

"Esse é um momento em que as próprias pessoas das periferias começam a se enxergar", afirma. A atriz diz também que isso deriva um pouco dos méritos do filme. "Por mais que todo mundo só veja a violência, 'Cidade de Deus' também viu coisas na comunidade que são bonitas, que nosso olhar não estava acostumado."

Nesse sentido, a série tem como missão resgatar o melhor do filme e desfazer os estereótipos usados há 20 anos.

O caso de Cinthia é emblemático. A personagem de Sabrina Rosa, no original sem nome nos créditos finais, era o estopim da guerra de Zé Pequeno e Mané Galinha ao ser violentada pelo primeiro. No programa, ela é uma figura influente que ajuda os moradores da favela.

Para a atriz, a ideia de tratar do coletivo por um olhar feminino foi o que a convenceu a retornar à personagem. "O cinema brasileiro daquela época era muito sobre as questões do homem, e quando foi para a favela isso se repetiu. Mas a gente também tem que falar da mulher."

Apesar dos valores, o dia a dia da Cidade de Deus segue permeado pela violência. Nas filmagens calmas coordenadas por Muritiba, a produção trabalha com um baile que pouco a pouco revela suas tensões.

Os jovens que dançam na pista, por exemplo, transpiram os hormônios pela pele. Enquanto a filha de Buscapé canta no palco um funk sensual, a câmera baila na quadra para registrar cenas de beijos, reboladas e ciúme. Nesse momento, a tensão aflora tanto quanto o desejo.

Mas a atenção no set recai para Curió, e não só porque o ator Marcos Palmeira usa um terno branco reluzente. No camarote da quadra, à esquerda do palco, o chefe do tráfico recebe Braddock, que lhe entregou de mão beijada o controle da comunidade há 20 anos. Aos 32 anos e recém-saído da prisão, o autor da queda de Zé Pequeno está visivelmente desconfortável na festa. "Tu é família, pô! Não vai ficar na chuva." A fala do mafioso ao jovem ecoa por todo o salão.

Tanto Palmeira quanto Thiago Martins, que vive Braddock, relatam que a relação dos personagens dá o tom da ascensão das milícias no Rio na virada do século. "Para o Braddock, que passou seis anos preso, é um cenário muito diferente daquele de 20 anos atrás, com a Caixa Baixa", afirma Martins.

Já Andréia Horta diz que a perspectiva do morador é essencial ao painel do programa. Ela fecha o triângulo de forças do crime na história como Jerusa, advogada que tira Braddock da cadeia e o quer de volta ao comando do tráfico. Para a atriz, a sensação é de fazer Lady Macbeth. "A gente traz esse cruzamento entre política, milícia e tráfico e o que isso implica na vida das pessoas no Rio de Janeiro", afirma Horta. "O centro da série é como todos esses elementos se dão."

Para Palmeira, o balanço entre o filme e a série de "Cidade de Deus" mostra que o cenário permanece o mesmo ao longo dos anos. Isso inclui a própria série, que criou a comunidade em outro estado - e ainda assim foi vítima de agressão pela polícia.

"A gente está filmando hoje em São Paulo porque não conseguimos filmar no Rio, mas nem na época do filme eles conseguiram isso", diz o ator. "Vinte anos se passaram e as dificuldades são as mesmas, o que prova que o estado não construiu políticas públicas para esse lugar", diz Palmeira, enfatizando o que define uma comunidade nas periferias marginalizadas. "Pela arquitetura e a estrutura, as favelas são todas idênticas. O que muda são as pessoas."

ENTREVISTA / VALÉRIA SARMINETO, CINEASTA E MONTADORA

'Nossas ilusões desapareceram'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Imagens arrebatadoras do Chile de 1973, às vésperas da derrocada do governo de Salvador Allende, arrebatam o 71º Festival de San Sebastián durante as projeções de um filme candidato a virar um marco da memória política da América Latina: “El Realismo Socialista”.

Sua exibição na Europa marca a efeméride de cinco décadas daquele golpe militar e demarca 51 anos de carreira da realizadora chilena Valeria Sarmiento. Nascida em Valparaíso, foi ela quem finalizou o longa iniciado no fim dos anos 1970 por seu companheiro de vida e de obra, o cineasta Raúl Ruiz (1941-2011), com quem se casou em 1969. Ela foi parceira dele como montadora e codiretora, trabalhando a seu lado nos cults “Klimt” (2006) e “Genealogias de um Crime” (1997).

A seu lado na maratona cinéfila espanhola, a diretora estava com a produtora Chamila Rodríguez, que a apoiava na luta para divulgar seu tratado sobre o legado do socialismo em solo hispânico.

“Estamos trabalhando para lançar o filme num circuito independente de modo a democratizar seu lançamento”, diz Chamila ao Correio. “É a mirada de uma artista livre”, diz, referindo-se ao empenho de Valeria.

Depois de ter rodado “Un Sueño Como De Colores”, em 1972, Valeria estava ao lado de Ruiz quando ele colhia depoimentos para o corte final de “El



Rodrigo Fonseca

“Para minha geração, falar de memória é constatar que nossos contemporâneos estão desaparecendo. Minha geração está sumindo”

Valeria Sarmiento

Realismo Socialista”.

A reação das forças armadas do Chile contra Allende forçou o casal a zarpar para a França. No Velho Mundo, ele rodou clássicos das telas como “O Tempo Redescoberto” (1999) e ela rodou “Amélia Lopes O’Neill

(com Laura del Sol e Franco Nero), que foi indicado ao Urso de Ouro de 1991. Concorreu ao Leão de Ouro de Veneza em 2012 com “As Linhas de Wellington”.

Na entrevista a seguir, Valeria conta ao Correio da Manhã

Divulgação



Comemorando 51 anos de carreira, a diretora chilena obrigada a se radicar na França com a queda de Allende passa em revista o golpe de estado em seu país no filme ‘El Realismo Socialista’, que iniciou em 1973 com seu finado companheiro, Raúl Ruiz

o quão abertas estão as veias de nuestros hermanos.

De que Chile a senhora fala em “El Realismo Socialista” e qual é o Chile que espera a chegada desse filme?

Valeria Sarmiento: Foi depressivamente reencontrar aquele Chile de 1973 num material deteriorado que engloba até o bairro onde vivi. Uma jornalista classificou o nosso filme como “a história de uma derrota” e entendo seu ponto de vista, pois todas as nossas ilusões democráticas de então desapareceram. O Chile que deve receber o nosso filme é, de certa medida, um espelho do que passamos, não por haver uma hipótese de golpe, mas por vermos a direita se fortalecer por lá.

Qual é o sonho que Raúl e a senhora registraram nos anos

setenta?

O sonho de mudar a realidade de um país. O passado mostrou que esse sonho não se concretizou.

Qual é a relação que um filme como “El Realismo Socialista” trava com a memória, como documento de época?

Há um testemunho ali, mas para a minha geração, falar de memória é constatar que nossos contemporâneos estão desaparecendo. A minha geração está sumindo.

O que o cinema europeu lhe ofereceu de mais sólido em todo o tempo que vem filmando no Velho Mundo desde que rodou “La Dueña de Casa”, na França, em 1975?

A Europa me deu uma estabilidade que eu não teria no Chile.

CORREIO CULTURAL

Queridinhos de San Sebastián

Sete longas-metragens disparam na preferência do público e da crítica do festival espanhol



Divulgação

'Represa', de Diego Hoefel, conquistou quatro troféus

'Represa' vence o Festival de Cinema de Vitória 2023

O 30º Festival de Cinema de Vitória anunciou os filmes vencedores do Troféu Vitória, além do vencedor do Prêmio Canal Brasil de Curtas. Na 13ª Mostra Competitiva Nacional de Longas, o grande vencedor foi o filme *Represa*, de Diego Hoefel, que levou o Troféu Vitória de Melhor Filme (Júri Técnico), Melhor Direção, Melhor Roteiro

(Aline Portugal, Diego Hoefel e Marcelo Grabowsky) e Melhor Fotografia (Daniel Correia).

O Troféu Vitória de Melhor Interpretação foi para Mel Rosário por *Toda Noite Estarei Lá*, de Suellen Vasconcelos e Tati Franklin, filme que também recebeu o Troféu Vitória de Melhor Filme pelo Júri Popular.

May, o astrofísico

Brian May é mais do que músico da banda Queen. Ele é astrofísico e ajudou a Nasa a conseguir coletar uma amostra de um asteroide no espaço. A missão OSIRIS-REx teve como membro o artista que comemorou o feito em suas redes.

Aposentadoria

Sidney Magal revelou detalhes de quando passou mal nos palcos em entrevista ao Domingo Espetacular (Record). Também acenou sobre a possibilidade de se aposentar. "Peço desculpas ao público, mas penso na aposentadoria".

Superação

Marieta Severo abriu o coração para falar, pela primeira vez, sobre a sua luta contra o câncer no endométrio. A atriz conta que a descoberta da doença foi no estágio inicial, mas precisou retirar útero e ovários. No entanto, não passou pela quimioterapia.

Em família

Cleo Pires usou suas redes sociais para rebater as críticas que recebeu por expor a sua (má) relação com o pai, Fábio Junior, na infância, em entrevista. Cleo havia declarado que Fábio "era péssimo" com a sua mãe, Glória Pires, além de ausente.



BLONDI

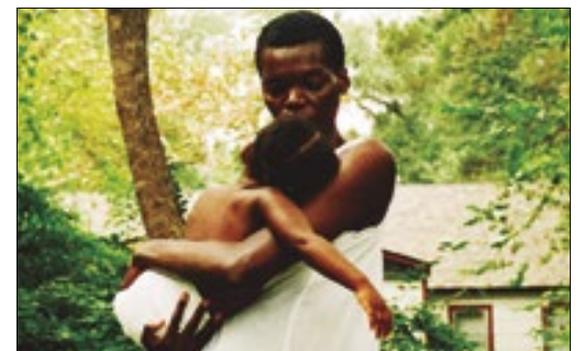


ATIRARAM NO PIANISTA

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Chegando a seu quinto dia de atividades transbordando de gente em suas salas exibidoras, o 71º Festival de San Sebastián amaciou os corações de sua terra natal, o norte da Espanha, ao abrir sua programação com o encantador "The Boy and the Heron", do octogenário animador japonês Hayao Miyazaki, encarado desde já como um convite ao Oscar.

Mas outras produções se afirmam como candi-



ALL DIRT ROADS TASTE OF SALT

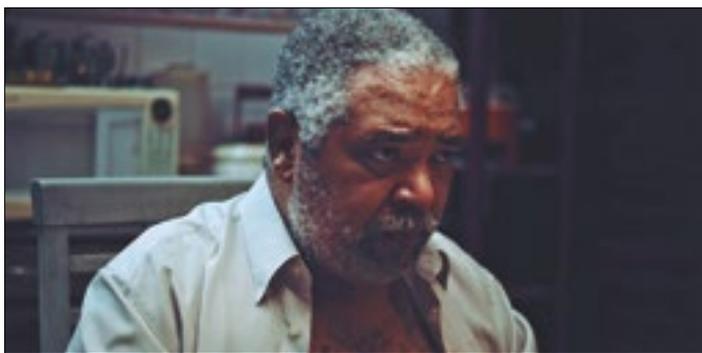
datos a cult no evento, com destaque para o Brasil. Confira a seguir o que Donostia (nome da cidade em basco, o falar de sua região) já viu de melhor:

ALL DIRT ROADS TASTE OF SALT, de Raven Jackson (EUA): Um austero estudo sobre a vida de duas mulheres, numa relação de maternidade, numa comunidade rural do Mississippi. Sua diretora é uma poeta, conhecida no universo literário pelo livro "little violences" e respeitada no cinema pelo curta-metragem "Nettles" (2018). Sua narrativa é metonímica, concentrando cada enquadramento em detalhes do que vê, vindo e voltando no tempo. O destaque de seu elenco é a atriz e cantora

Fotos/Divulgação



EL ECO



ESTRANHO CAMINHO



ORLANDO, MA BIOGRAPHIE POLITIQUE



EL VIENTO QUE ARRASA

anglo-ugandense Sheila Atim, sobretudo na comovente sequência na qual segura uma menina no colo, num gesto maternal de acalanto brando, onde implode em angústias existenciais.

ESTRANHO CAMINHO, de Guto Parente: Apoiado no talento do ator Carlos Francisco (de “Marte Um”), o cineasta cearense que integrou o coletivo Alumbra-mento e foi um dos quatro diretores do mítico “Estrada Para Ythaca” (2010) arranha aqui o filão do extra-ordinário (nome dado a tramas centradas em mistérios sobre-hu-

manos). No enredo, um jovem realizador radicado em Lisboa (Lucas Limeira) volta ao Ceará, pouco antes do alastramento da covid-19, e acaba ficando confinado em Fortaleza. Sem ter onde ficar, vai atrás de seu exótico pai (papel de Francisco). O longa passou pelo Festival de Tribeca, em Nova York, em junho, e conquistou quatro troféus por lá.

ATIRARAM NO PIANISTA (“Dispararon Al Çianista”), de Javier Mariscal e Fernando Trueba (Espanha): Onze anos depois de concorrer à

estatueta de Melhor Animação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood com “Chico y Rita”, a dupla de cineastas fazem uma viagem sentimental a um dos episódios mais tristes da História do Brasil ao recriarem a desapareição do ás do piano da bossa nova Tenório Jr. (1941-1976), em Buenos Aires. Os dois animam a paisagem carioca nos anos 1960, 1970 e 2020 tendo Jeff Goldblum como voz de um jornalista americano dedicado a investigar o paradeiro do músico. Titãs como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque,

João Donato (1934-2023) e o poeta Ferreira Gullar (1930-2016) ganham versões animadas no longa, que tem Tony Ramos em seu elenco de vozes.

BLONDI, de Dolores Fonzi (Argentina): Uma das atrizes de maior prestígio do cinema portenho em atividade, consagrada por dramas como “Paulina” (2015), estreia na direção de longas com uma narrativa leve (e comovente) sobre os dilemas do amadurecimento. Ela ainda assume o papel principal. Blondi, que considera ter sido mãe cedo demais. A dificuldade de lidar com o ônus da maternidade a leva a ter uma relação nada ortodoxa com seu filho.

ORLANDO, MA BIOGRAPHIE POLITIQUE, de Paul B. Preciado (França): Livros como “Um Apartamento Em Urano” (2020) e “Eu Sou o Monstro Que Vos Fala” (2022) fizeram deste cineasta estreante uma grife literária por trás da afirmação identitária dos corpos não binários. Por trás das câmeras, Preciado afirma sua condição de trans, num diálogo - entre narrativa documental e o ensaio - com a obra de Virginia Wolf. Ganhou o troféu Teddy (premição queer de Berlim) e o prêmio especial da mostra alemã Encontros. Sua montagem é um achado.

EL ECO, de Tatiana Huezo (México): Foi o vencedor da disputa de Melhor Documentário da Berlinale e ainda conquistou por lá a Láurea de Melhor Direção da mostra Encontros, consagrando a realizadora de “Reze pelas Mulheres Roubadadas” (2021). Ela fez aqui um registro poético sobre um vilarejo mexicano que parece parado no tempo, castigado pelo frio e por secas, no qual jovens cuidas de suas avós, assim como tomam conta de rebanhos carentes de melhores condições. É uma metáfora entre a natureza humana e a vida animal.

EL VIENTO QUE ARRASA, de Paula Hernandez (Argentina): A diretora de “Lluvia” (2008) levou a Donostia seu longa mais maduro, com base na literatura de Selva Almada. A trama narra a viagem de uma mulher, Leni (Almudena González), com seu pai, o reverendo Pearson (o chileno Alfredo Castro), a uma missão religiosa. Ao perceber a obsessão do religioso por um rapaz, Tapioca (Joaquín Acedo), Leni decide tomar as rédeas de seu destino, fazendo do filme um levante feminista.

Gerações unidas pela guitarrada

José de Holanda/Divulgação

O mestre paraense Aldo Sena retoma sua discografia em 'Jamevú', com produção do jovem talento Saulo Duarte



As origens de 'Jamevú' estão fortemente ligadas à conexão de Aldo Sena e Saulo Duarte

Divulgação

O mestre da guitarrada Aldo Sena está de volta, e em grande estilo. "Jamevú" é o seu oitavo trabalho de estúdio e uma celebração festiva de uma trajetória de destaque na música brasileira desde os anos 1980. E que se reinventa em 2023 com a assinatura marcante do também guitarrista Saulo Duarte - aqui, responsável pela direção artística e produção musical.

O trabalho é uma oportunidade de levar o som do mestre Aldo Sena para um público novo

e renovado - por isso é tão natural a conexão com o produtor Saulo Duarte, um dos expoentes da nova música brasileira. A ligação com o Pará, o estado natal de ambos os músicos, é o elo mais forte que embala essa dançante mistura geracional.

"A ideia principal era respeitar a tradição e a história do Aldo com os ritmos latino-amazônicos, mas também propor uma nova versão disso e às vezes colocar a guitarra dele em ritmos ainda não explorados, como é o caso de 'Sinto um clima tropical', que é uma disco music a brasilei-



ra. O uso de beats e outras possibilidades digitais também trazem uma cor diferente para esse trabalho. Além disso, tenho a honra de tocar o tema de 'Cumbia reggae', música de Aldo Sena

que regravamos para esse trabalho", comemora Saulo.

Um novo disco de Aldo Sena chega com a pompa que merece - afinal, o músico é um dos fundadores do estilo que foi reconhecido, em 2011, como Patrimônio Cultural do Pará, e segue vivo na sonoridade de muitos dos artistas do estado que ganham notoriedade em nível nacional.

Com "Jamevú", Aldo mostra que a guitarrada é um ritmo atemporal que ultrapassa as limitações de um gênero regional - tanto que dilui as fronteiras geográficas desde sua fundação.

Também conhecida como lambada instrumental, a guitarrada vem encurtando as distâncias entre a Amazônia e o Caribe a partir dos anos 70. O estilo incorpora elementos de carimbó, merengue e choro, com a guitarra desempenhando um papel central, tanto em acompanhamentos quanto em solos virtuosos. Essa identidade está presente no disco quente de Sena, onde as cinco faixas são temperadas com os sabores dessas múltiplas origens. As inéditas "Sinto um Clima Tropical", "Flor do Muriti", "Meu Vovô" e "Açaí com Peixe" destilam essa celebração das origens do músico junto da já citada regravação de "Cumbia Reggae".

Já as origens de "Jamevú" estão fortemente ligadas à conexão de Aldo Sena e Saulo Duarte, agora ganhando vida em um álbum gravado em São Paulo, na YB Music e finalizado no estúdio Índigo Azul, por Klaus Sena, músico icônico da cena cearense que atua como co-produtor e assinou mixagem e masterização. A capa e o projeto visual foram feitos pela artista Lola Ramos.

"A ideia do disco surgiu das minhas conversas com Aldo. Ele já havia me dito que tinha umas músicas novas e que não haviam sido gravadas, eu sou super fã do trabalho dele e quis ouvir. Depois disso organizei um show com participação dele aqui em São Paulo e aproveitamos a vinda dele pra gravar as músicas. Desde o início ele me deu muita liberdade pra mexer nos arranjos e propor outras sonoridades", recorda Saulo.

"Jamevú" é mais que uma abreviação de "já me vou", um uso comum na terra natal de Aldo Sena, Igarapé-Miri; sua grafia maiúscula é um atestado da importância do retorno de um dos grandes expoentes de um gênero musical que ele ajudou a criar e solidificar. E que hoje se mostra tão vibrante, rico e diverso quanto as frases de guitarra que o embalam. O disco já está disponível nas principais plataformas de música.

Josélia Frasso/Divulgação



Atrizes crias da Baixada, Nathalia Catarino (de verde) e Letícia Ambrósio descobrem afinidades em suas origens

Foi conversando sobre as histórias de família que as artistas Letícia Ambrósio e Nathalia Catarino descobriram um ponto em comum: seus avôs vieram de Pernambuco escondidos em um navio para o Rio de Janeiro e foram parar na Baixada Fluminense. O que era apenas uma coincidência entre elas, fez surgir o espetáculo *Travessias Nordeste x Baixada*, que costura histórias que começam em solos nordestinos e que se conectam ao cruzar o país por diferentes meios, ancorando na Baixada Fluminense suas esperanças de futuro.

A peça entra em cartaz no Teatro Sesc Tijuca e fica em temporada desta quinta-feira (28) até 22 de outubro, resgatando histórias que se repetem entre outras famílias que possuem parentes, tios e avós que vieram de estados do Nordeste em ônibus, paus-de-arara, carro de abacaxi e até mesmo esconderijos de navios, por diversas motivações, em busca de trabalho e melhores condições de vida. E que, ao se instalarem nessas cidades periféricas, foram constituindo uma nova identidade cultural, oriunda dessa mistura.

Para Letícia Ambrósio, o resgate dessas memórias cria identificação com o público: “Travessias é

Histórias de migrantes

Trajetórias de nordestinos que foram viver na Baixada Fluminense inspiram espetáculo que estreia esta semana no Sesc Tijuca

sobre gratidão aos nossos avós e bisavós, e também a tantas outras pessoas que, assim como eles, saíram de suas terras para virem construir o Sudeste, e mais especificamente, a Baixada Fluminense. Eu e Nathalia ouvimos e registramos muitas histórias doloridas durante esse processo de pesquisa, mas quase sempre os relatos de dor eram atravessados pelos de solidariedade e afeto, de gente que estendeu a mão pra construir futuro junto, mesmo quando também precisava lutar pelo básico do básico”, destaca.

O espetáculo é dirigido por Renata Tavares e entrelaça histórias de vida, compartilhadas em entrevistas feitas nas praças, feiras e quintais dos municípios de Belford Roxo e

Duque de Caxias, cidades natais das atrizes. E assim, a partir da oralidade e da valorização da memória, reverenciam essas pessoas que não só vivem e viveram nesse território, como também ajudaram a construí-lo, material e imaterialmente: “Quando penso na encenação, minha cabeça tem a necessidade de atrair e representar pessoas com referências do passado e do futuro. Nessa peça há vida e muito suor”, reforça a atriz que foi premiada pela 33ª edição do Prêmio Shell na categoria Melhor Direção.

O drama apresenta um ponto de vista empírico acerca da construção física e cultural da Baixada, valorizando a memória e a sabedoria popular, transpassada através da

oralidade pelas gerações. Com duração de 75 minutos e classificação indicativa de 14 anos, a peça suscita o olhar e ouvidos do espectador sobre a importância da oralidade para manter viva a memória ancestral de comunidades periféricas e resguardar sua autenticidade, diante do apagamento da história.

SERVIÇO

TRAVESSIAS NORDESTE X BAIXADA

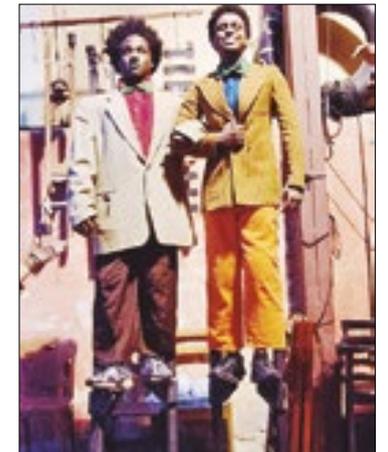
Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)

De 28/9 a 22/10, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

Cosme e Damião em cortejo nas ruas

Divulgação



Cosme e Damião em pernas de pau

Quando chega setembro, não há maior alegria para a criançada do que a tradição de pegar doces pelas ruas da cidade. Nesta quarta-feira (27), a partir das 18h, a Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades realiza uma apresentação em Cortejo dos meninos “São Cosme e Damião” em Perna de Pau, na Praça da Harmonia, na Gamboa.

As tradicionais sacolinhas de papel com a imagem dos santos, cheias de doces, paçoca e balas, serão distribuídas em um cortejo que percorrerá toda a Praça. O espaço no bairro é considerado a sede da arte pública da Companhia, sob a coordenação artística de Ligia Veiga.

As atividades da Grande Companhia Brasileira de Mistérios e Novidades são apresentadas gratuitamente em ruas e praças, tornando acessível ao público em geral e, ao mesmo tempo, fomentando as atividades artístico-culturais junto à cidade e à comunidade local.

SERVIÇO

IBEJADA DE COSME, DAMIÃO E DOUM

18h - Saída do cortejo da Casa de Mistérios, na Praça da Harmonia

TEREMOS VINHOS TINTOS

EVENTO

Vinhos BRANCOS & ROSADOS



* ESTACIONAMENTO GRATUITO DURANTE O EVENTO

- ROLHA ZERO
- ESTACIONAMENTO GRATUITO*
- 300 RÓTULOS DE VINHOS
- 25 EXPOSITORES
- PRATOS HARMONIZADOS EM NOSSOS RESTAURANTES
- ATRAÇÕES MUSICAIS
- WORKSHOPS

<p>29 SET</p> <p>16h às 21h30</p>	<p>30 SET</p> <p>16h às 21h30</p>	<p>01 OUT</p> <p>16h às 20h30</p>
---	---	---

Av. Ayrton Senna, 2.150
Pórtico · Nivel Península

INGRESSOS À VENDA



GRUPO
BACO
MULTIMÍDIA

CASA
SHOPPING

 @casashopping
 @vinhosbrancoserosados
 @bacomultimidia